



PROPRIEDADE DO CLUB X

COLLABORADORES

OS DE CASA.



Publicação bi-mensal.—Distribue-se gratis aos pobres.

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1869.

N. 32.

Rio, 15 de março de 1869.

Publicamos hoje no folhetim uma carta e um artigo que nos foi dirigido por um amigo.

A muita consideração que nos merece e a espontaneidade com que defendeu a nossa sociedade de um labéu degradante, davam-lhe direito a collaborar desta vez, como péde, no nosso humilde periodico.

Além disso o seu artigo, por bem moldado n'um estylo sério, embora severo, fica sendo uma das melhores paginas desta folha. Agradecemos-lhe a defeza que de nós fez, como o

FOLHETIM.

Meu amigo.

Fui ha dias visitar uma respeitavel familia desta capital. A minha entrada foi causa de se interromper uma conversação animada que pouco depois continuou mais animada ainda. O thema deves tu conhecel-o tão bem como eu, ou talvez melhor. Era elle a fuga de uma menina casada, que abandonara por esse modo o marido. Dos labios de duas idosas senhoras a indignação sahia em borbotões, e do coração de tres anjos que lá estavam fugiam, de quando em quando, algumas palavras mal balbuciadas de compaixão e amargura.

Até então estive mudo, como se tudo isso me fôra estranho, mas não pude conter-me quando ouvi accusar o Club X, por ter sido um dos seus membros o sedactor. Protestei contra a asserção em nome dos amigos que lá tinha e demonstrei, a toda a luz, o engano em que la-

publico ha de agradecer-lhe tambem as suas *Considerações sociaes*. Vê-se que a indignação inspirou-lhe aquellas linhas. Não se arrependerá de as ter escripto porque, quando mais não fosse, tinha satisfeito aos dictames da sua consciencia.

Todavia deixe-nos sempre dizer-lhe que tomou a cousa muito ao sério, e que se dá ao seu bem elaborado artigo a importancia de uma lição, mal baratou infelizmente o tempo e o seu talento.

E' o caso de se dizer que gastou *cera com ruim defunto*.

ALLAH! X!

boravam. Acreditaram-me. Eu sei, por não ser socio da tua sociedade, que não posso occupar as columnas do interessante periodico do X, em todo o caso cumpro o meu dever, escrevendo-te esta carta, e depositando em tuas mãos as *Considerações sociaes*—que me foram inspiradas por aquella discussão. Se forem publicadas, merecendo-o, darão ainda mais força á defeza que fiz do Club X.

Teu amigo dedicado

J. R. S.

Considerações sociaes.

POR UM IDIOTA.

A physiologia do coração humano, observado moralmente, é um estudo lindissimo.

Póde-se chamar ao coração a crysalida de todos os nossos sentimentos: o odio e a amizade, a villania e a generosidade, a coragem e a cobardia, tudo lá nasce, e se desenvolve. O amor, porém, é de todos os sentimentos o mais forte e vehemente e o que maior influencia

DISCURSO.

RECITADO NA MISSA DO SETIMO DIA POR ALMA DE
J. G. CAZENAVE NEBOUT.

Senhores. — Ha pouco acabastes de ouvir as preces funebres, que os levitas do Senhor aos pés do altar levantaram por aquelle a quem o mesmo houve chamal-o para sua santa guarda.

Ainda não ha 10 dias que, no meio do prazer regosijavamo-nos de ter em nossa companhia esse irmão e associado a quem o punhal do assassino roubou-lhe a cara existencia!

Era uma flôr cujo perfume aromatisava o recinto da S. F. G. e que a brisa do infortunio tirou-lhe as petalas e o sol do tumulo as crestou!

Era uma pedra preciosa que se perdeu no labyrintho da ventura!

Era uma mariposa que foi buscar a chamma em que se havia de queimar!

Se nós outros sentimos com inagua esse apartamento, essa desgraça, como não o sentira essa associação que recebia-o em seus braços e que se ufanava de ter esse filho?

Ah! senhores, só um atheu é que não póde comprehender o que seja—dizendo—o mundo e o nada, a eternidade, e o tudo!...

Se o mortal lançasse os olhos para esses quadros veria que, sobre o ingente montão de illustres pompas, a impavida morte um pé des-cansa!...

recebe do coração, se acaso não sóbe á cabeça a discutir os problemas da vida conjugal, ou se não desce ao estomago a cevar-se bestialmente na lascivia e no sensualismo.

O amor, ou é o symbolo da divindade, ou a imagem do inferno.

Quando veste as roupagens transparentes da candura, eleva-se tão alto, que é capaz de inspirar os mais sublimes rasgos de abnegação ou de coragem, mas quando se agita e ferve desordenadamente, a paixão chega, e ninguém poderá conter a lava que o volcão lança pelo declive da montanha.

O amor, falsamente assim chamado, tem ainda outra phase, a peor de todas, a mais baixa, a mais damninha e pestifera. E' quando tomba do coração no estomago, porque aquelle gastou-se nas orgias e apodreceu nas bacchanaes, é quando a alma nem já distingue, na organização social, os esplendidos contornos do bello que fazem da moral a obra prima do christianismo.

A morte é certa, porém incerta quando vem mandada pelo punhal do assassino!

Não buscarei, senhores, neste recinto sagrado, alimentar mais os sentimentos, que a tocha funebre da desgraça acaba de aclarar no meio desta associação pela perda do seu socio!

Não abrirei a pagina lugubre da historia della porque envolta em crépe ficará para sempre na imaginação de todos nós!...

O coração sente, os labios calam-se, a idéa ferve, mas a expansão não se dilata! !....

Aceitai, pois, illustres associados estas pequenas linhas traçadas pelo punho de uma irmã como a sociedade — Estudantes d'Heydelberg — que, como vós, se acha possuida de verdadeiro sentimento.

Curvemo-nos, senhores, e roguemos a Deos por aquelle a quem a infelicidade acompanhou na vida....

Dorme, irmão, não seja eu quem te desperte....

THEATRICIDIO.

Estes ultimos tempos têm corrido prenhes de novidades *theatricidias*.

E que novidades! e que *successos*!

O *Barba de Milho* e o *Traga Moças* batem-se como os espadachins dos bons tempos de Luiz XIV,

Aqui, o amor perde a sua essencia divina, em luta com a materia, que o absorve ou o aniquilla. A decomposição é certa. O coração abre-se a todos os sentimentos pervertidos, o egoismo entra de braço dado com a vaidade, a indifferença pela opinião publica associa-se ao desamor da familia, o embrutecimento dos sentidos cada vez se inacula mais, á porporção que se ostenta impia e desapiedadamente o quadro de todas estas miserias que são sempre a macula eterna da mocidade transviada.

Mais um passo, e o crime não tarda.

Por um gozo, vale a pena roubar a mulher ao marido, e depois arremear ao poste da ignominia, ao patibulo das Magdalenas impuras, ao tumulo da deshonra, um corpo desbotado pelos excessos dos prazeres e dos vinhos, soltando estridente gargalhada nas faces enrugadas da sociedade.

Por um gozo, vale bem a pena profanar o santuario da familia, e trazer de lá, com a honra desta, uma insciente creatura, que não

à sombra dos muros da Bastilha. E' um duelo curioso, em que nenhum dos combatentes morre senão quando estiver bem cheio e bem nutrido. Parecem-se nisto com as *sanguexugas*.

O *Barba de Milho* tem para nós o defeito de não significar cousa nenhuma.

Começa o disparate por mandar buscar o protagonista uma *ama de leite* e ser-lhe apresentada em trajes de *noiva*, casando-se elle em seguida com ella, sem se nos dizer porque motivo.

E' verdade que se isto nos fosse explicado perdia talvez a *graça*.

D'ahi por diante seguem-se muitos outros dispartes ainda, mas que se encontram tambem no *Barbe-Bleue*.

A parodia está inçada de ditos mais ou menos espirituosos, que fazem rir, e que o publico applaude. Os versos peccam em geral por completa ausencia de harmonia, e alguns ainda por indisculpaveis erros de metificação, que ferem o ouvido e estropiam a musica, Neste trecho por exemplo:

Olá! não minto!
Que *afflicção*!
Que comichão!
Nas pernas sinto!

Por mais que façam hão-de dar tractos á musica para a consorciar com aquelle verso horriavelmente mutilado.

E assim são muitos outros.

A *mise-en-scene* é soberba. Os vestuarios são

pensa, nem reflecte, para se lhe levantar altares e tecer corôas, onde começa a historia das Margaridas Gauthier.

E isto seria muito, seria o escarneo da civilização, mas não é tudo.

Praticar o crime e escondel-o, equivalia a vêr a infamia envergonhada, equivalia a vêr a consciencia do criminoso fugindo aos anathemas da opinião publica e da moral ultrajada; mas pô-lo em almoeda, fazel-o correr pregão, desnudal-o á luz do dia, é manifestar clara e solemnemente o estado de putrefacção hedionda a que chegaram os sentimentos humanos. A hypocrisia então deixaria de ser o que é, para se tornar uma homenagem á virtude como bem diz Rochefoucauld.

E nem os reprobos encontram luz nestas sublimes palavras da Biblia: Não faças a outrem o que não queres que te façam.

Quem tem uma familia, por cuja honra deve zelar, quem tem uma irmã ou uma mãe, que lhe cumpre vigiar, como se fôra a arca santa de um passado immaculado, como se fôra o altar

ricos, e as vistas do scenario de um magnifico effeito, especialmente a do quarto acto.

Poder-se-ha dizer outro tanto das vozes? Não. O infeliz Offenbach se assistisse a uma representação do *Barba de Milho* ou do *Traga Moças* era capaz de ter um ataque cerebral.

Deus o livre de tal.

O Sr. Heller está longe de satisfazer o publico no desempenho do seu papel. A sua voz é fraquissima. Assim mesmo canta muito melhor do que o Sr. Martins no *Traga Moças*.

A maneira mais facil de fazer uma analyse das duas parodias ou imitações do *Barbe-Bleue*, é confrontal-as.

O *Traga Moças* nem tem o merecimento litterario que se esperava, nem os toques de espirito necessarios a trabalhos desta ordem, que são consagrados ás gargalhadas publicas.

Nada disto, e se alguma phrase traz em si a ideia de fazer rir, é pesada sempre e soberanamente offensiva á moral.

O riso alvar dos parvos, não pôde satisfazer os escrúpulos do autor, por isso mesmo que é moço de elevado talento.

E a sua obra, creia, não tem outros admiradores. O *Traga Moças* é superior ao *Barba de Milho* unicamente em representar uma época, e desenhar o typo de um Capitão-Mór, que no fim de contas regulavam todos pela bitola do *Sampaio*.

A *opereta* do Gymnasio está, sem duvida, melhor ensaiada, que a da Phenix, mas as vozes regulam umas pelas outras.

do seu melhor patrimonio, como sente coragem para arrancar a irmã ao irmão, a filha ao pai, a mulher ao marido?

De que direitos usa? E amanhã que direitos opporá aos sectarios das mesmas idéas que lhe vão invadir o lar domestico?

Ha de usar talvez de sedição e ascorosa doutrina de um frade devasso; Faz o que eu digo e não faças o que eu faço.

Tomai sentido mocidade perdida! As vossas mãos, quando batem á porta de um domicilio fazem estremecer a familia que o habita, como se ella, alta noite, recebesse uma visita do Santo Officio.

Vêde que ha um velho adagio que diz: — Ladrão que rouba a ladrão, tem cem annos de perdão.

Tomai sentido mocidade perdida, vigiai vossa familia, e ponde a bom recado vossas irmãs porque, diz ainda a Biblia: *Quem com ferro mata com ferro será ferido*.

J. R. S.

Temos, por exemplo, o Capitão-Mór que vai regularmente bem, e o Rei Pacova III que, como sempre, vai horrorosamente exagerado. A consorte de Pacova diz bem, e não conta mal, o seu papel, enquanto que a mulher do Capitão-Mór é uma serigaita insupportavel. Rivalisam entre si a filha desta e a filha daquella.

O príncipe *Assucar Candy* está abaixo da critica; má presença, muita affectação e pronuncia afrancezada, no entretanto que o morgadinho *Gentil* é um rapaz desenvolvido, alegre, ingenuo e canta regularmente.

O *Jararaca* é soberbo, soberbo em toda a extensão da palavra: o *Bertholdo* é.... não é, nem se parece com aquelle, o que não admira talvez, por não serem irmãos.

O licenceado *Gaspar* está muito além do RAMALHO. Falta-nos fallar da Carlota e da Bolota. Aqui o negocio é mais serio.

A quem dá o leitor a primazia? A' Sra. Ismenia, aposto? Ouviram esta opinião? Pois ha muitas como esta!! A Sra. Anna Costa não satisfaz, mas agrada o que vale alguma cousa.

A Sra. Ismenia não consegue nem uma nem outra cousa. Pretendendo macaquear Mlle. Aimée, sem possuir os graciosos ademanos francezes, faz uma figura em scena bem ridicula.

A graça é um dom natural, que nem todos alcançam, e desde que assim é, a Sra. Ismenia, quando pensa em fazer um gesto gracioso, deixa-nos ver apenas uma feia carantonha.

A respeito da musica, então, faz arripiar os cabellos e sahir sangue pelos ouvidos.

Nunca se lhe ouviu uma nota que não fosse da garganta para cima. E dizem que ella canta. Cantará, cantará!

No quarto acto apresenta-se ella em scena n'um traje elegante, que deixa sobresahir as formas primorosamente torneadas do seu corpo. Pernas melhor contornadas e mais rigorosamente artisticas não as encontraes na propria Venus de Milo.

Ide ao Gymnasio para ver as pernas da Carlota, e observar como ella se vangloria de as apresentar.

DR. EXTRACTUM CARNIS.

A Zulmira.

Cantava Zulmira tão meiga e formosa,
Com voz sonora queixumes d'amor!...
Nos labios ardentes, cadente harmonia,
No olhar eu lhe via raiar o fulgor.

As flores mimosas, outr'ora colhidas,
Já murchas, pendidas, perderam o odor;
Mas ouvem da nympha gentil o seu canto,
Qual balsamo santo revivem d'amor.

Tudo me extasia! Seu canto fagueiro,
Seu ar prazenteiro me veio inspirar.
Embalde da lyra eu as cordas afino...
A pobre, sem tino, senti delirar.

Trememente, humilhante, cheguei á loucura,
E do anjo a candura ajoelhado adorei,
Ferido senti-me por setta aguçante,
E já feito amante de mim me olvidei.

Então, venturoso, julguei-me feliz,
E a virgem eu fiz d'amor fervida jura!...
Risonha, engraçada, tão meiga, tão bella,
No céu era estrella, na terra... a ventura.

CAVALLEIRO BAVARD.

O ERRO PELO ERRO.

Comedia em um acto.

POR PICK-NICK.

Continuação do n. 29.

SCENA X.

OS MESMOS E BARNABÉ.

PAULO (*sahe pelo porta do fundo e entra com Barnabé, chorando ambos*).

Era uma flôr. Que alma de rapaz, e que talento! Estudava dia e noite.

As vigílias é que o mattaram.

BARNABÉ.

Meu pobre neto! Nem tenho animo de o ver. *Pulveris est in pulveris reverteris.*

Ai! quem o contemplou, como eu, a correr pelas verdejantes campinas de Vassouras atraz das borboletas e dos gafanhotos, em fraldas de camisa umas vezes, e outros nusinho, em pello tal e qual veio ao mundo; não pôde accreditar nesta triste realidade. E quando ia apanhar grilhos?! Nem quero lembrar-me desse tempo.

Tem, pois, certeza que meu infeliz neto morreu?

PAULO.

Desgraçadamente para nós todos, assim é. Delle apenas resta aquelle frio cadaver que alli está, secco e mirrado.

BARNABÉ.

E mirrado?

PAULO.

E mirrado, é verdade... (*áparte*) das algebras.

BARNABÉ.

Soffreu muito então?

PAULO.

Soffreu, soffreu, como soffrem todos quantos teem um *idolo* que adoram, e jámais conseguem tocar-lhe.

BARNABÉ.

Não percebo. Morreria elle apaixonado?

(*Continúa*).

RIO DE JANEIRO.

TY. — PEPSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.